

TDAH E A ESCOLA



DINALVA FERREIRA MACHADO DE OLIVEIRA

Licenciada em pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil, Conclusão em 12/01/2010; Professora de Educação Infantil e Fundamental I, Lotada na Emei CEU PERA MARMELO, JARAGUÁ - SÃO PAULO..

RESUMO

O baixo desempenho nas escolas brasileiras tem gerado muita preocupação nos estudiosos pois essa triste realidade tem sido recorrente nas salas de aula. A quantidade de alunos que possuem dificuldades de aprendizagem só tem aumentado e dentro desse número estão aqueles que possuem algum tipo de transtorno, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uma condição que é caracterizada pelo déficit nas funções cognitivas, que são indispensáveis para a aprendizagem. O artigo aqui apresentado tem como objetivo analisar e apresentar a importância da escola para o aluno que possui TDAH. O pequeno apoio de políticas públicas direcionadas para os avanços da neurociência a respeito do envolvimento dos processos cognitivos no ensino – aprendizagem, a falta de conhecimento dos professores sobre o Transtorno e consequentemente as práticas pedagógicas sem fundamentação teórica contribuem para que esses alunos acabem sofrendo ainda mais pela falta de preparo e não sejam devidamente incluídos no cenário escolar como precisam.

PALAVRAS-CHAVE: TDAH; Professor; Educação; Escola.

INTRODUÇÃO

O aluno quando ingressa na escola, para que ele possa ter um desenvolvimento satisfatório de tudo aquilo que lhe será oferecido, é necessário que ele possua as funções cognitivas bem desenvolvidas, pois são elas que dão o suporte necessário para a aprendizagem. E quando temos alunos que são portadores de TDAH (Segundo, Christina Hajaj Gonzalez, representante do Conselho Federal de Medicina (CFM) apontam que exista uma prevalência mundial entre crianças e adolescentes de 3% a 5%). Ela é classificada pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtor-

nos Mentais (DSM-5YM), como um transtorno de Neurodesenvolvimento, que são um conjunto de transtornos que se caracterizam pelo aparecimento na mais tenra idade, geralmente, antes do seu início escolar. Possuem déficits no desenvolvimento cognitivo que geram prejuízos no desenvolvimento pessoal, social, acadêmico e até mesmo profissional da pessoa (APA,2014).

A atenção sustentada, memória de trabalho, metacognição, funções executivas, linguagem e velocidade, processamento são áreas cognitivas afetadas pelo TDAH e acabam falhando em alguns momentos, devido ao transtorno. Ao compararmos o aluno com TDAH, o seu desenvolvimento na leitura, escrita e na matemática é inferior ao de uma criança típica, o que acaba ocasionando um desempenho insatisfatório, pois ele possui dificuldades na aprendizagem e a abordagem dos professores equivocada pode levar ao fracasso escolar desse aluno.

O TDAH NA ESCOLA

Foi através da Declaração de Salamanca, que a inclusão recebeu maior notoriedade, mas ainda assim existem muitos desafios que precisam ser vencidos, afinal esse processo requer o acolhimento das particularidades de cada aluno, a LDB 9394/96, no capítulo IV, diz que :

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

O TDAH, não chegou a ser incluído nessa lei, mas a ABDA – 2010, mostrou um projeto de lei que apresentou a necessidade do poder público assegurar que exista o diagnóstico e o apoio educacional para as crianças e jovens também com TDAH e Dislexia.

Esse projeto busca auxiliar as escolas e famílias, excluindo essa lacuna que existia até então na Declaração. Visa melhorar os recursos pedagógicos adequados para os alunos para auxiliar no desempenho escolar dos alunos, o que de fato, irá auxiliar até mesmo na busca de um diagnóstico correto e adequado.

A escola é o principal ambiente onde acontece a interação e a convivência social, e essa função interfere diretamente na formação do ser humano e nas decisões e atitudes que irá tomar quando saírem da escola. O que nos mostra também que os professores, família e comunidade estão ligados nesse ambiente também, auxiliando no processo de aprendizagem de cada aluno, o que gera responsabilidade e deveres, afinal, eles são exemplos de membros da sociedade para aqueles alunos que ainda estão em formação.

A inclusão é sempre um processo que é muito discutido em todos os setores da sociedade, e no ambiente escolar ele toma outras proporções pois é dentro da escola que o aluno muitas vezes tem o seu primeiro contato com a convivência em comunidade, com pessoa diferentes e que muitas vezes nem conhece suas limitações, e juntos precisam procurar maneiras de se entenderem e conviverem.

Não podemos ignorar o fato de que nossas escolas estão avançando quando se diz respeito

a receber esses alunos em seu ambiente, são avanços que impactam muito na vida dos alunos atípicos, porém todo o atraso que ainda existe na inclusão afeta a vida não apenas daqueles que estão sendo recebidos mas do que estão em sala aguardando atitudes mais efetivas para que não ocorra uma inclusão fora da teoria, mas sim com respaldo e preparo. Processos mal definidos gera insegurança em todos, a falta de organização e preparo precisam ser eliminados das escolas, principalmente quando falamos de inclusão. A escola precisa assumir o seu papel e disponibilizar para os seus professores cursos, debates e conversas em torno do tema. Ouvir os pais e familiares assim como a comunidade é de muito valor para que consigamos entender e saber agir em situações desafiadoras:

Para entendermos o que está sendo dito por trás de um gesto agressivo, para entendermos o que ele realmente simboliza, precisamos escutar o inconsciente. [...] Numa situação agressiva, o que existe de fato é um comportamento a ser decifrado. [...] É preciso entender a agressividade para depois lidar com ela. [...] O que devemos como educadores é dar a essa criança recursos de linguagem, para que ela seja capaz de expressar verbalmente o que se passa dentro dela. (RITCHER, 2012).

Além da atenção necessária para a comunidade e pais, precisamos também tomar cuidado com os rótulos que existem sem nenhum diagnóstico, apenas baseados em “achismos” de convivência, o professor precisa entender a teoria e ter um olhar atencioso para cada aluno e saber identificar casos que seriam indicados para um estudo neurológico mais aprofundado e questões de apenas indisciplina ou agitação excessiva. Conhecer os termos e saber diferenciá-los auxiliara o professor em sala de aula, Antunes define a hiperatividade:

Condição infantil de atividade excessiva e, aparentemente, incontrolável. Muitas crianças que pais e professores normalmente rotulam de “hiperativas” são apenas mais ativas que seus pais e professores foram ou desejariam que fossem. A hiperatividade somente se manifesta quando existem comprometimentos na manutenção da atenção para diferentes atividades. A criança, por exemplo, que não presta atenção à aula, mas presta muita atenção ao jogo, não revela distúrbio de atenção, típico da hiperatividade. A hiperatividade pode ser tratada com drogas relacionadas ao grupo das anfetaminas, somente ministradas por especialistas após a óbvia constatação dessa condição. Em muitos casos a hiperatividade permanece até o inal da adolescência (ANTUNES, 2001, p.127).

O PAPEL DO PROFESSOR

A troca realizada entre professor e aluno é repleta de intencionalidade e interesse, e esse relacionamento é fundamental para o desenvolvimento comportamental dos seres humanos e para que valores sejam agregados na rotina do aluno.

A forma que o professor elabora sua aula e a ministra em sala de aula, de acordo com suas características é o que gera a aprendizagem nos alunos e auxilia no desenvolvimento deles. Ao se tornar professor, você precisa aprender a reconhecer as necessidades, capacidades e limitações dos seus alunos de uma forma coletiva mas também individual, para que haja a inclusão. Além de todo o conteúdo que lhe é necessário para se tornar um bom profissional, a sensibilidade e o olhar atento a sua sala de aula é fundamental para que os seus alunos possam se sentir confortáveis em dividir suas dificuldades com você.

Considerar o professor como um analista simbólico significa encará-lo como um solucionador de problemas, em contextos marcados pela complexidade da incerteza, e não como alguém capaz de dar respostas certas a situações previsíveis. Os analistas os analistas simbólicos são especialistas na identificação, resolução e intermediação estratégicas de problemas, realizando trabalhos que equivalem a quebra cabeças conceituais. Os analistas simbólicos são professores que estão sempre a experimentar e trabalhar em equipes, discutem com seus pares, elaboram conceitos e estratégias, escrevem propostas e projetos. (GARANHA-NI, 2004, p. 193)

Sendo assim, é esperado que o professor não tenha apenas em seu currículo o conteúdo necessário para exercer sua função, mas saiba analisar as crianças observando todo o seu contexto familiar, cultural, social em que ela está inserida e também acolher suas dificuldades e capacitá-la a vencer os seus desafios.

O processo de inclusão escolar envolve diferentes formas e tempos de olhar/ler o aluno. Se as crianças ditas normais trazem consigo a ilusão de que sabemos a respeito dessa trajetória e do processo de ensino aprendizagem, aquelas com TGD suspendem certezas, tornando-se, muitas vezes, intraduzíveis para nossas lentes: "O cego não me vê, mas sabe que estou ali, precisa de mim, me chama e me olha... Eu sou a professora dele. O autista não! Ele não quer saber de mim, não quer saber de nada... Ai não dá!". Se nada há de um aluno ali, se seus comportamentos, suas respostas e relações pouco se assemelham aos textos aprendidos, às expectativas e representações relativas ao que é ser criança e ser aluno, como ser professor? E não havendo professor, como constituir-se como aluno? O diálogo inviabiliza-se, cegando possíveis leituras e horizontes compreensivos. (VASQUEL, MOSCHEN e GURSKI, 2013, p. 90).

Quando pensamos nessa relação do aluno com o professor, e do professor com os alunos com TDAH, precisamos pensar no ambiente de uma forma completa. Sendo a organização do ambiente e das aulas pilares muito importantes para que o aluno se sinta seguro e respeitado.

Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida. (KAMI, 1991, p.125).

Quando o professor é capaz de traçar uma relação que visa estar atento as necessidades dos seus alunos e que alcança o desenvolvimento afetivo e cognitivo deles, traz mais conforto para que se sintam inclusos, afinal todas as mudanças que enfrentam com o início da vida escolar, além de todo o processo evolutivo que passam naturalmente, traz insegurança a todos e principalmente alunos com TDAH. Segundo Mouly :

[...] uma organização democrática da sala de aula, cujo professor tenha uma atitude de simpatia e sentido de humor, pode ajudar muito a criança a sentir que é aceita e exprimir suas frustrações, sem precisar se sentir-se ameaçada por rejeição ou vingança. Com esse tipo de segurança, e com certo grau de satisfação de suas necessidades, a criança pode suportar frustrações ocasionais e aproveitar essa experiência.

Elaborar atividades que atraiam a atenção dos alunos, auxilia na elevação do nível de atenção da criança, e com isso ela vai buscar estratégias para resolver os problemas que lhe foram apresentados e direcionados pelo professor, o que demonstra que o professor possui o papel de traçar as rotas para que os alunos as tracem sozinhos, com a participação de todos e tenham sucesso escolar, sem anular as conquistas dos alunos com tdah. Rief (1993), apresenta propostas para auxiliar nas práticas pedagógicas do professor:

- Primeiro estabelecer combinados, sempre utilizar tom de voz adequado;
- Ensinar regras, dar oportunidade aos alunos praticarem o que desejam apresentando a eles uma opinião sobre os combinados;
- Estimular e reforçar comportamentos positivos, deixar claro que está sendo cooperativa;
- Sempre elogiar quando conseguir atingir as metas estabelecidas ajudá-lo no individual sempre que necessário;
- Oferecer atividades que o mesmo possa se movimentar na classe e em outros ambientes da escola;
- Desenvolver atividades com aluno a qual possa fazer uma relação com que aprende na escola e com situações da sua própria vida;
- Evitar mudanças bruscas na rotina e, quando isso acontecer fale ao aluno;•Sempre estar em contato com a família;
- Estimular a interação do mesmo com os demais alunos, desenvolvendo atividades de grupo;
- Envolve-lo em todas as atividades cívicas, artísticas, esportivas e sociais da escola, juntamente com os demais alunos;
- Adequar à sala em círculo para a sim favorecer a todos o contato visual com os demais colegas e o professor;
- Organizar as atividades de forma com haja pouca distração do aluno;
- Estimular os mesmos a fazer a organização de seu horário, seu material, suas atividades, despertando assim a responsabilidade e a independência;
- Organizar o espaço físico de maneira que facilite o aprendizado do aluno;
- Procurar deixar o mesmo sentado próximo a professora, e longe da porta e das janelas.

O preparo, a espera e a coragem são características de muita importância para o professor que irá trabalhar em sala de aula com alunos típicos e atípicos, afinal o ensinar precisa estar fundamentado no acolhimento, na persistência, consistência e ser coerente com toda a prática e seus alunos. O aluno precisa fazer parte da sala como um todo e para o professor enfrentar desafios em sua carreira faz com que ele busca e assuma sua identidade pessoal e também profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o processo de ensino aprendizagem aconteça de forma leve, existem alguns pilares que precisam ser muito bem estabelecidos entre o professor e o aluno. Quando pensamos no processo de ensino e aprendizagem vinculado com a inclusão, temos mais responsabilidades atreladas a esse momento. Um professor capacitado e atencioso, que priorize a organização e consigo entender os seus alunos são pontos muito importantes nesse momento. Existe um provérbio chinês que diz “ Procure me amar quando eu menos mereço, porque é quando eu mais preciso”, quando trabalhamos com alunos com TDAH, precisamos sempre ter esse olhar de atenção e amor.

Quando recebemos um aluno com TDAH, em sala de aula não podemos rotulá-lo como uma criança que atrasa o restante da classe ou dificulta nosso dia a dia, ele deve ser admirado pela sua capacidade de criação, e suas habilidades para construirmos um mundo mais inclusivo e respeitoso, Silva (2003 p. 12) diz que : “O lado bom de ser TDAH é revelado em uma linguagem redentora e entusiasmada: é a criatividade que brota fértil dessas mentes inquietas e aceleradas que sempre têm levado a humanidade adiante”.

Durante o estudo do trabalho, foi constatado que a capacitação do professor é essencial

para que nesse processo de desenvolvimento o aluno se sinta seguro e o professor possa conduzir a aula de acordo com o que a teoria lhe apresenta e consiga se desviar dos desafios com mais assertividade. Os estudos nos mostra o quão peculiar são os diagnósticos de crianças com TDAH, pois envolve a coleta de dado com os pais, amigos da escola e também a escola. Mas apenas um profissional habilitado é autorizado para concluir e diagnosticar alguém. Mas, essa questão não anula o interesse do professor em estudar sobre o assunto, pois em diversos casos o professor é o primeiro a identificar alguns sintomas de TDAH no aluno é comunicar a escola e a família, e identificar os pontos de TDAH no aluno não estão limitados na agitação do aluno, conhecer as definições é muito importante.

Quando a família e escola trabalham juntas e buscam auxiliar o aluno com TDAH a se desenvolver dentro da sua realidade o tratamento se torna mais satisfatório e eficaz e auxilia no seu dia a dia na escola e no seu relacionamento com sua família.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GUARANHANI, Marynelma Camargo. **Concepções e Práticas Pedagógicas de Educadoras da Pequena Infância: Os saberes sobre o movimento corporal da criança**. São Paulo, 2004, tese (Doutorado em Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p 26).

KAMI, Constance. DEURIES, Rheta. **Piaget para educação pré-escolar**. PortoAlegre: Artes Médicas, 1991.

LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

MOULY GJ. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Pioneira, 2003.

RIEF, S. **How to Reach and Teach ADD/ADHD Children: practical techniques, strategies, and interventions for helping children with attention problems and hyperactivity.** West Nyack, NY: The Center for Applied Research in Education. 1993.

RICTHER, B. R. **O professor atento ao TDAH: A hiperatividade e indisciplina.** Revista Nova Escola. Rio Grande do Sul. 2012.

VASQUES Carla K; MOSCHEN Simone; GURSKI Roselene. **Entre o texto e a vida: uma leitura sobre as políticas de educação especial.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 1, p. 81-94, jan./mar. 2013.